

Curso de missiologia /ESPIRITUALIDADE
MISSIONÁRIA
B - T E M A C E N T R A L

A DESEJÁVEL REVIRAVOLTA DA MISSÃO CRISTÃ

**POR DEZESSETE SÉCULOS, A MISSÃO CRISTÃ SE PREOCUPOU EM CONVERTER AS RELIGIÕES AO CRISTIANISMO, MAS A SITUAÇÃO MUNDIAL E O NOVO ENTENDIMENTO ECLESIAL APARENTAM RECOMENDAR UMA DIREÇÃO OPOSTA: CONVERTER O CRISTIANISMO ÀS RELIGIÕES E CONVOCA-LAS PARA REALIZARMOS
COM ELAS O REINO DE DEUS NA TERRA.**

- **01. UMA TERMINOLOGIA MINIMA**, ou seja, quanto basta para a gente se entender sobre os termos básicos e indispensáveis da reflexão a seguir, isto é: religião e fé, evangelho, missão, Igreja, Reino de Deus.
- **02. RELIGIÃO E FÉ.** Não são a mesma coisa, embora numa conversa informal podem ser vistas como uma coisa só ou como duas poses da mesma cara. À primeira vista, diria logo que a religião é o meio, o fio que carrega a comunicação, a música escrita, a disposição a sonhar, enquanto a fé é o conteúdo, a mensagem recebida ou comunicada, a música tocada, o sonho envolvente e arrastador. Em formas mais simples ainda, e talvez mais expressivas, diria que a religião é o fósforo, enquanto a fé é a chama que o fósforo produz e

lança no ar. Ou também, a religião é o palavreado, a fórmula, a tela do pintor, enquanto a fé é a mensagem do palavreado e da fórmula dogmática ou poética ou a figura que o artista pinta na tela. Em todo caso, religião e fé são duas coisas entrelaçadas e normalmente inseparáveis mas, razoavelmente distintas ou, pelo menos, distinguíveis. No Novo Testamento não se tratam questões de religião, mas questões de fé que, por sua vez, não é algo de somente humano, terrestre ou contingente, mas algo de divino também, eterno e transcendente, pois vem de Deus e faz voltar para ele. Contudo, na reflexão a seguir, se fará o possível para manter coesos os dois conceitos ou dois valores pois, no Novo Testamento e ao longo dos dois mil anos sucessivos, a religião foi sempre guarda da fé e a fé ficou sempre ciumenta e inseparável da sua servidora, a religião. Ignorando este fato ou reduzindo o seu alcance, não se entenderia a história religiosa do passado, mas, ao contrário, a se apagaria.

- **03. EVANGELHO:** significa boa notícia, anúncio esperado a respeito de acontecimentos de especial importância. Na linguagem bíblica, evangelho é tanto o anúncio do Reino de Deus que chega neste mundo na pessoa de Jesus, quanto o anúncio da evangelização ou da implantação da Igreja (= ação missionária). O termo era usado também na linguagem política do império romano e indicava, em particular, o programa político do cada novo imperador. Evangelho de Augusto = programa político de Augusto. Evangelho de Jesus = programa (político) de Jesus, ou seja, programa do Reino de Deus sobre a terra.
- **04. MISSÃO:** significa tarefa a cumprir ao longo de um tempo determinado ou da vida inteira. Na Bíblia indica a tarefa seja de implantar a Igreja seja de realizar e animar o Reino de Deus neste mundo. Ao longo da história, o termo missão foi usado tanto em relação aos dois objetivos vistos em conjunto (Igreja/Reino), quanto em relação aos mesmos, mas contemplados separadamente. Contudo, a disposição mais correta dos dois objetivos seria: realizar a Igreja e coloca-la a serviço do Reino de Deus.

- **05. IGREJA:** a entidade social ou comunitária instituída por Jesus com a finalidade de atender à realização do Reino de Deus ao longo da história. Com uma relativa frequência, a instituição da Igreja foi confundida ou identificada com aquilo que devia ser sua meta irrenunciável: o Reino de Deus. Na realidade deve existir grande afinidade entre as duas coisas, pois a Igreja que pretende realizar o Reino não pode ser que uma sua imagem ou antecipação pelo menos provisória.

- **06. REINO DE DEUS:** é a humanidade toda vista como a família de Deus na terra regida por relações de justiça e amor entre todos os seus membros. Não tem nada a ver com entidades humanas analógicas como estado, república, império ou comunidade das nações, mas, ao mesmo tempo, não exige a eliminação de variedades técnicas, culturais ou religiosas. No Reino de Deus, o que mais conta não é a unicidade monolítica, mas o pluralismo, a criatividade, a disponibilidade a cumprir um caminho sempre novo e com meta misteriosa e bem pouco previsível. Para ser mais claro: no Reino de Deus, ciências, culturas e religiões várias são chamadas a colaborar e caminhar juntas sem perder nada da própria originalidade. Enfim, na reflexão a seguir, o Reino de Deus deveria ocupar, propositalmente, o primeiro lugar na atividade missionária, pois ocupou o primeiro lugar na vida de Jesus (cfr. curas, milagres, parábolas e ensinamentos que cobrem um dois terços dos evangelhos sinóticos, nos quais o Reino é citado mais de cem vezes) deixando que a Igreja (as Igrejas) fosse somente o maior instrumento da sua realização. Se pense, a este propósito, como seria simpático neste nosso tempo o lamento amargo e honesto de Ernest Renan (1823/92): “Jesus pregou o Reino de Deus, mas nós encontramos a Igreja”.

- **07. A MISSÃO PRIMITIVA.** Diz respeito aos primeiros três séculos da era cristã. É reconhecida em base a passagens dos Evangelhos, dos Atos e Cartas dos Apóstolos, do Apocalipse e de inúmeros escritores e teólogos da mesma época a começar pela *História Eclesiástica* de Eusébio de Cesaréia, conselheiro e

inspirador de Constantino. É considerada como a mais pura e mais legítima missão de todos os tempos, pois é fundamentalmente baseada no Novo Testamento, no testemunho dos cristãos comuns e dos mártires sem número. “Podem continuar a nos matar, dizia Tertuliano às autoridades romanas, mas saibam que o sangue dos cristãos é semente”. Ou que devia significar: quanto mais se matam os cristãos, tanto mais eles crescem(Cfr. Tertuliano, *O Apologético*).

- **08. A MISSÃO TRADICIONAL.** É a que se formou durante a época constantiniana(do IV ao VI século) e tinha como ponto de partida o seguinte raciocínio: *“só o cristianismo salva, logo, o cristianismo deve tomar quanto antes o lugar de todas as religiões pré-existentes”*. Esta fórmula missionária durou mais ou menos até aos nossos tempos, mas parece ter chegado a hora de colocá-la em discussão e apresentá-la.
- **09. A MISSÃO DO FUTURO** é a que está aparecendo no horizonte do terceiro milénio e deveria ter um ponto de partida menos agressivo e mais de acordo com o espírito do Evangelho. Ela parte apelando para a ideia de que *a salvar não é esta ou aquela religião, mas a fé em Deus que se pode encontrar em qualquer uma delas*. Logo, a sua perspectiva deveria mudar de 360 graus em relação à perspectiva da missão tradicional vista acima, pois não se trataria mais de derrubar as religiões pré-existentes ao cristianismo, mas de convidar elas a assumir, junto ao cristianismo, o projeto do Reino de Deus.
- **10. OBSERVAÇÕES:1)** Com referência à missão que se formou na época constantiniana e que chamei de *missão tradicional*, de nenhuma maneira se poderia negar que ela carregava um interesse político da parte dos responsáveis do império romano. De fato, a chegada do cristianismo no mundo antigo ia fortalecendo o império romano por dentro de suas estruturas, como resulta das doações que Constantino fez ao papa Silvestre (314-335) na planície do *laterano* (edifícios e muita argila para fabricar tijolos) e a construção da primeira

básilica do apóstolo Pedro na encosta da colina do *vaticano*(lugar onde os sacerdotes *vaticinavam* perscrutando e interpretando o voo dos pássaros), além dos privilégios salariais que reservava a bispos, padres e batizados no exercício de cargos religiosos e/ou públicos. Tal interesse pelo cristianismo, em vista de fortalecer o império, tomou evidência ainda maior com os sucessores de Constantino. Com Teodósio o Grande(347/395) –quando fez do cristianismo a religião oficial do império e impôs a cristãos e pagãos o calendário religioso de 52 domingos e vários outros dias festivos- e com Justiniano (482/565)que perseguiu abertamente os pagãos, derrubou templos e estatuas de divindades em Roma (jogando por terra o colunado do templo de Vesta), na Grécia e no Egito,enquanto existem vozes que atribuem ao mando dele o assassinio da filósofa neoplatônica Ipácia que, entre os intelectuais de Alexandria, recusava de se batizar.

2) Vendo, pois, as coisas do outro lado, não é difícil imaginar que o pretexto de abrir o caminho da salvação aos pagãos facilitasse ou justificasse invasões e/ou ocupações de novas terras. De fato, a cada comunidade que se fazia batizar podia corresponder um novo pedaço de terra para a o tamanho geográfico do império. Enfim, é permitido deduzir que os soldados romanos tenham vagamente prefigurado a imagem do missionário que aparecerá em seguida e que consistirá em alguém que se instala em terras alheias para aí conseguir novos adeptos à religião cristã. Se pense, por exemplo, aos soldados que defendiam as fronteiras do império e podiam suscitar prosélitos para a religião oficial, ganhando prêmios.

- **11. A MISSÃO QUE JESUS PASSOU PARA NÓS.** Como afirmam alguns modernos e corajosos biblistas, Jesus não pregou uma nova religião, mas o Reino de Deus a ser realizado aqui na terra. *Pregai o Evangelho à toda criatura* equivalia a dizer: *Pregai o Reino de Deus à toda criatura*. Cfr., a este propósito, Mt 24,14: “E este evangelho do Reino será pregado em todo mundo” ou Lc 4, 43: “Também é necessário que eu anuncie a outras cidades o Evangelho do Reino de Deus, porque para isso fui enviado”. Para sustentar a causa do Reino

de Deus, que consistia em colocar os últimos no lugar dos primeiros e praticar numerosos outros gestos na mesma direção, Jesus fundou a Igreja e aceitou de morrer na cruz, visto que, por outro caminho, era impossível prosseguir com aquele mesmo objetivo. De fato, Jesus podia obter a clemência seja de Pilatos que dos sumos sacerdotes, mas à condição que renunciasse ao seu chocante ideal. E foi bem pela fidelidade ao projeto do Reino, ao seu chocante ideal a preço da vida, que o Pai do céu ressuscitou Jesus e, com Ele, o projeto que Jesus entregou a seus discípulos, à sua Igreja.

- **12. COMO SERIA AMISSÃO DO FUTURO.** As Igrejas cristãs, tomando em nosso tempo o lugar de Jesus e aproveitando dos seus ensinamentos, deveriam assumir o projeto do Reino de Deus e tentar de envolver, na mesma aventura, todas as outras religiões e todas as pessoas que irão gostar de tal proposta. É este o extraordinário mandato que gostaríamos deduzir tanto da Bíblia (Antigo e Novo Testamento) quanto da mais antiga teologia (Irineu de Lião) e das mais recentes disposições das igrejas cristãs, com particular atenção aos ensinamentos e orientações do Concílio Ecumênico Vaticano II e outras por ele inspiradas como um sermão de João Paulo II aos japoneses, a declaração *Dialogo e anúncio* da Congregação para a Doutrina da Fé, ou certos pronunciamentos (informais ou improvisados) de papa Francisco tais como: *Deus não é católico... A missão não pode mais ser proselitismo.... A missão deve continuar, mas só baseando-se no testemunho*. Enfim, em relação ao futuro da família humana, aparece de suma importância o que se está desejando e projetando pelo lado dos vários continentes: uma aproximação antes inimaginável entre povos, culturas e religiões, reclamando para a humanidade toda um novo estatuto no âmbito dos direitos humanos, da distribuição dos bens e da solidariedade.
- **13. OS SALMOSSUGEREM A NOVA MISSÃO.** O Antigo Testamento condena a idolatria (e é por real ou presumida idolatria que a primeira missão virou frequentemente violenta e destruidora), mas convida povos e culturas a louvar e

agradecer o criador de tudo, como se todos os povos estivessem agindo de acordo com seus mandamentos, como se as diferentes religiões fossem todas legítimas e plausíveis. Citemos, à confirmação da ideia, algumas emocionantes passagens do Livro dos Salmos: *“Deus ama o direito e a justiça, transborda em toda a terra a sua graça”* (Sl 32/33, 5). *“Todos os povos são de Deus”* (Sl 59/60). *“Exulte de alegria a terra inteira, pois julgais o universo com justiça; os povos governais com retidão, e guiais em toda a terra as nações”* (Sl 66/67, 5). *“Levantai-vos, ó Senhor, julgai a terra, porque a vós é que pertencem as nações”* (Sl 81/82, 8). *“Cantai louvores ao Senhor todas as gentes, povos todos festejai-o”* (Sl 116/117, 1). *“Transborda em toda terra o vosso amor”* (Sl 118/119, 64). *“Ouvi nações a palavra do Senhor e anunciai-a às ilhas mais distantes”* (Cântico de Jeremias, 10). Um breve comentário. Se os missionários eram clérigos ou religiosos, eles a cada dia rezavam a Deus com as palavras acima e outras mil parecidas, porque não percebiam que Deus estava presente em cada lugar, na cara e no coração das pessoas que cercavam a missão?. São Guido Conforti tinha como luz da sua vida o seguinte lema: *“Procurar Deus, achar Deus, amar Deus em tudo”* mas, em quase 70 anos de vida na congregação xaveriana, nunca ouvi atribuir ao mesmo lema o incandescente sentido missionário de que gozam os salmos citados acima e muitas outras passagens da Bíblia. Por incrível que pareça, 59 anos após a morte de Conforti, o cardeal Ratzinger cita o lema do Conforti e aconselha de aplicá-lo às religiões, pois carregam Deus (fr. *Diálogo e Anúncio*, 61).

- **14. ÀS RELIGIÕES VEM DE DEUS.** Pelo Novo Testamento aprendemos, por primeira coisa, que o Verbo de Deus é a luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo (cfr. Jo 1,9), ou seja o Verbo de Deus é alguém que esclarece, desperta e dá força para viver, se movimentar e agir. Traduzido em termos religiosos, o Verbo de Deus é a fonte de qualquer religião. Não somente, o Verbo de Deus é luz, força e vida (=religião) porque é também ponto de partida das coisas, é a causa que as gerou todinhas (cfr. Jo 1, 1-3): uma

ideia que se pode integrar e completar com a carta de Paulo aos Colossenses láonde fala de Jesus o Verbo feito carne: *“Do Deus invisível ele é a imagem, o primogénito (o modelo) de toda criatura (= de toda religião), porque nele é que tudo foi criado o que há nos céus e o que existe sobre a terra, o visível e também o invisível”* (Cl 1,15-16). Visível e invisível são termos normais nas religiões, pois distinguem o natural do sobrenatural, o humano do divino. O Verbo de Deus feito carne é, então, aquele que todas as coisas (=todas as religiões) refletem ou recomendam, pois é modelo e fonte realizadora de tudo quanto existeno universo. No capítulo 2 do seu Evangelho, João retoma o assunto da carta aos Colossenses com uma narração parabólica de grande fascínio. Às *Bodas de Caná*, Jesusse apresenta como o esposo da humanidade que veio para tornar divinas as criaturas humanas à maneira da água que ele transforma em vinho. Ser esposo da humanidade implica na missão que recebeu do Pai: tornar divina a humanidade, ou seja tornar divinos seus sentimentos, seus pensamentos, seus gestos, isto é suas religiões. Em outros escritos de Paulo de Tarso, o Cristo tomou claramente o lugar de Adão e ficou chefiando toda a família por ele gerada (cfr 1Cr 15, 21-22). Outra maneira de falar das núpcias de Jesus com a humanidade e da assumpção, da parte de Jesus, de seus gestos religiosos. Para o mesmo Paulo, o apóstolo missionário que reconhece aos gentios o idêntico chamado reservado aos israelitas, *“Os Judeus e os gregos, os escravos e os livres, os homens e as mulheres formam em Cristo uma coisa só”* (Gl 3, 28). E se trata ainda de uma afirmação inesperada: se judeus e gregos formam o Cristo, isso quer dizer que israelitas e pagãos formam o Cristo. Infelizmente, da era constantiniana até nós, a missão foi frequentemente uma luta, sim ou não armada, contra as religiões ou contra a fé que as religiões carregavam, o que equivale a dizer contra Deus e o seu plano um tanto misterioso e indecifrável. Que Deus e a história perdoem aquele ambíguo fenômeno da missão feita inimiga das religiões, enquanto não podemos mais escapar do dever de imaginar e criar uma nova missão ou uma nova história

missionária, respeitosa das religiões e dos seus segredos de porte sobre-humano.

- **15. A FÉ LUMINOSA DOS GENTIOS.** Nos evangelhos todos, os não poucos gentios que encontramos ganham uma evidência inesperada e uma surpreendente exemplaridade para todos os crentes em Jesus. Baste lembrar, a tal proposito, as personagens pagãs que compõem a genealogia de Jesus (cfr. Mt 4, 1-11 e Lc 3, 23-38), os Magos astrólogos do oriente (cfr. Mt 2, 1-12)), a mulher cananeia (cfr. Mt 15, 21-28), os centurião romano que pede a cura do criado e cuja grande fé Jesus nunca encontrou em Israel (cfr. Mt 8, 5-11), o capitão romano que, olhando para Jesus morto na cruz e percebendo os sobressaltos do terremoto, exclama: “Este era verdadeiramente filho de Deus” (Mt 27,55); o bom samaritano que se torna mestre de amor ao próximo para todo ser humano (cfr. Lc 10, 30-37); a mulher samaritana e pecadora que anuncia o Messias Jesus (cfr. Jo 4, 5-26), o samaritano que, curado da lepra, com outros nove companheiros, volta sozinho a agradecer a Jesus. Os ninivitas que se converteram e fizeram penitência apesar de Jonas, o profeta a eles enviado, não acreditar na boa disposição deles (cfr. Mt 12,41). A viúva pagã de Sarepta, na Sidônia, que o profeta Elias salva da fome após ter-lhe ressuscitado o pequeno filho (cfr. Lc 4, 26-27)). As cidades pagãs de Tiro e Sidônia (cfr. Mt 12,21-22) que, no juízo final, serão tratadas melhor do que Cafarnaum, Corazim e Betsáida, cidades da Galiléia que por primeiras ouviram a pregação de Jesus sem se sensibilizar e dar-lhe uma qualquer resposta. Enfim, Jesus, no começo da sua missão, teve preferência por pagãos e mestiços escolhendo a *Galiléia dos gentios* como primeiro campo do seu apostolado (cfr. Mt 4, 12-17), achando em seguida os pagãos mais prontos do que os israelitas a assumir a causa do Reino de Deus. O rei tinha convidado as pessoas mais próximas para um grande banquete mas, na hora marcada, ninguém dos preferidos se apresenta. Aí, preso pela decepção, o rei toma uma decisão inédita e manda chamar todas as pessoas que não contam: pobres, estropiados, vagabundos e pagãos, obrigando-os a tomar o lugar dos escolhidos negligentes (cfr. Lc 14, 16-24).

Outras vez, Jesus fala com apreciação e destaque dos gentios que já estão realizando o Reino na terra. São aqueles que, chegando do oriente e do ocidente, sentarão à mesa do Reino com Abraão, Isaac e Jacó (cfrMt 8, 11), por já ter-se dedicado ao Reino, pois ninguém pode merecer o Reino do além sem ter-se antes dedicado ao Reino do aquém. Sem falar dos pagãos que precisam do Reino e, desde agora, tem liberdade de arranjar seu ninho entre os ramosda árvore de mostarda feita gigante (cfr. Lc 13, 18-19).

- **16. JESUS PREGA PARA ISRAELITAS E PAGÃOS**,mas sem pedir a estes que mudem de religião. Não éoque o Novo Testamento afirma, mas o que o Novo Testamento registra. Após terem lembrado que osninizitas se converteram a Deus sem se fazerem israelitas ou cristãos e que aconteceu a mesma coisa com os magos do oriente, com os centuriões romanos, com a mulher cananéia, com os samaritanos evidenciados em três distintas ocasiões já citadas,em várias outras ocasiões os sinóticos(Mateus, Marcos e Lucas) anotam com escrúpulo e admiração a presença de muitos pagãos vindos em particular das regiões situadas ao norte e ao leste da Palestina, ou seja de áreas que professam um paganismo explícito e oficial.Tal presença adquire pois um relevo particular na pregação com que Jesus, na Galiléia dos gentios e dos mestiços, deu início à sua missão (cfr.Mt 4, 14-17) e na escuta do *sermão da montanha*, ou seja dos temas mais específicos e marcantesde toda a revelação bíblica, a começar pelas bem-aventuranças (cfr. Mt 5, 1-47; 6, 1-34; 7, 1-28). De fato, por qual razão Jesus faz questão de pregar o *sermão da montanha*também aos pagãos? Será porque não podia evitar a presença deles ou porque confiava neles e os considerava atos a praticar *as bem-aventuranças e toda a nova lei*? Eu estaria pela segunda hipótesese pela abertura inaudita que esta dedução ofereceria à nova missão cristã chamada a convocar as religiões em função do Reino de Deus.A respeito, pois, da interpretação da parábola que faz com que a árvore de mostarda feita gigante se torne metáfora do Reino de Deus e abrigue os pássaros (= os pagãos) que precisam dela, o filme que foi dedicado aos mártires trapistas da Argélia oferece a

incrível sensação de termos voltado, finalmente, e após 17 séculos de incertezas, à missão que Jesus praticou e deixou para nós, citando Isaías na sinagoga de Nazaré (cfr. Lc 4): libertar da fome, da doença, do medo, da fraqueza, da prisão, da dominação todos os que vivem em condição de inferioridade ou desumana dependência. No filme citado, o superior dos monges trapistas conversa com uma mulher que carrega criança no colo e, mais ou menos, diz: “Somos ameaçados, é verdade, mas nós somos como os pássaros e podemos voar para outros lugares, para outras árvores ...”. Mas a mulher com a criança no colo o interrompe e diz: “Vocês monges e o vosso mosteiro não são os pássaros mas a árvore que não pode fugir e deve ficar à disposição dos pobres que a procuram a toda hora”. De fato, o que é que a mulher queria? Queria que os monges e o mosteiro deles fosse um sinal claro e inconfundível do Reino de Deus. É é isso o que Deus quer de cada cristão, a começar pelos missionários: que sejam um sinal inconfundível do Reino de Deus,

- **17. OS PAGÃOS POVOAM O CÉU.** É esta a maior lição que gostaria tirar dos exemplos dados e outros vários que cada qual poderia lembrar e acrescentar. Uma lição que se pode considerar incontestável, pois brilha com a maior clareza seja em Mateus 25, seja em Apocalipse 7 e outros textos bíblicos. No primeiro caso, o juiz universal Jesus Cristo, Verbo e Filho de Deus, dirá aos escolhidos amontoados à sua direita: “Vinde benditos do meu Pai e tomai posse do Reino que foi preparado para vós desde a criação do mundo...”. Quem são estes benditos do Pai de Jesus? Não são necessariamente israelitas, como não são necessariamente pagãos, pois podem pertencer, com toda liberdade a cada uma das duas turmas. Eles, de fato, não se distinguem pela religião à qual pertenceram, mas pelos gestos que souberam cumprir a respeito dos irmãos de Jesus: os famintos, os sedentos, os peregrinos, os presos, os doentes, os perseguidos etc. etc. que, por sua vez, podem ter pertencido a qualquer uma das duas legiões. É uma lição que nós cristãos não temos suficientemente valorizado até agora mas que teria condição de mandar rasgar muitas páginas das teologias tradicionais e criar, quem sabe, teologias novas e,

provavelmente, revolucionárias. O segundo caso parece dominar o Apocalipse de João. Após o desfile dos 144 mil benditos que pertenceram -12 mil por vez- às doze tribos de Israel, chega em frente do trono de Deus uma procissão infindável de fieis que mereceram o Reino apesar de ter pertencido a tribos, povos, nações e religiões do resto da terra, isto é apesar de não serem israelitas (cfr. Ap 7,9). Eram aqueles que a moderna teologia chamaria de *cristãos anônimos* e que, nos Atos dos Apóstolos, são bem representados pelo capitão romano Cornélio, homem que com sua família patriarcal rezava a cada dia e praticava a justiça (cfr. At 10, 1 e ss), ficando como que o modelo dos cristãos anônimos, *ante litteram*. De fato, uma pessoa que pratica a justiça irradia Deus e, para ser cristão, lhe falta somente um reconhecimento, uma confirmação vinda da comunidade. Finalmente, embora não possa pessoalmente dispor de uma suficiente competência em campo bíblico, me sinto levado a crer que nos Atos dos Apóstolos se encontre uma outra clara confirmação da ideia que estou tratando e possa, por sua vez, encerrar apelos revolucionários. Se trata de levar em conta a multidão de simpatizantes israelitas que, vindos de 18 regiões e línguas diferentes (= vindos de todas as regiões e línguas do império) ouviram, no dia de Pentecostes, os sermões dos apóstolos (cfr. At 2, 5 e ss.) e os entenderam cada qual na sua própria língua, uma expressão esta que pode ser lida na seguinte maneira *na sua própria cultura e/ou religião*. É muito provável, então, que, de simpatizantes de Israel, setenham feito simpatizantes também dos apóstolos e do mestre Jesus, embora sem renunciar à sua religião de origem. E que dizer dos modernos profetas que morreram ou sofreram longas prisões por ter combatido a violência com coragem evangélica de primeiro grau? Gandhi e Neru eram hindus, os monges tibetanos eram budistas, Martin Luther King e Nelson Mandela eram evangélicos, Desmond Tutu é arcebispo anglicano de raça negra, Perez Ezquivel um católico argentino, podendo afirmar, com toda clareza, que a *não violênci*a chegou ao cristianismo somente no século XX e vindo das religiões não cristãs da Ásia.

- **18. DEUS TRABALHA COM DUAS MÃOS.** A respeito da verdade de que o Verbo é presente em toda a realidade existente (e, então, em toda religião) pelo simples fato do Verbo ser o autor de tal realidade (como visto acima), ouçamos uma esplendida inferência de Irineu bispo de Lião (175 após C.), transferido da Ásia Menor (sendo Esmirna a sua cidade natal) para a França Meridional em base ao movimento que unia o mundo grego a suas colônias mais ocidentais. “Deus trabalha com duas mãos, escrevia Ireneu, isto é pelo Verbo encarnado (a Igreja) e pelo Espírito Santo” que é presente e age em toda parte, principalmente por meio de religiões e culturas. Um tema este que foi retomado pela nova teologia de Karl Ranher, como já visto, e pelos grandes teólogos franceses que constituíram como que a estrela guia do Concílio Ecumenico Vaticano II (cfr. Henry de Lubac e YvesCongar, por ex.). Para eles Deus é maior do que a Igreja e Cristo é maior do que o cristianismo, enquanto ambos podem e devem ser procurados nos lugares mais distantes e disparados. Sobretudo podem estar presentes lá onde a Igreja, por muitos séculos, não percebeu a ativa e bondosa ação de Deus como, por exemplo, nas migrações dos povos acontecidas em todos os tempos (um fato que, hoje em dia, está catapultando povos e culturas em direções nunca previstas anteriormente), entre as linhas dos estudos de astronomia, física, sociologia , economia e, mais recentemente, entre as linhas de estudos de ecologia, a disciplina que pode ser considerada um catecismo ou uma teologia leiga, se não uma teologia astronômica ou do universo. Em maneira particular impressionam as migrações contemporâneas de povos, culturas e religiões com as quais Deus parece nos estar informando que veio a hora das religiões se encontrarem de uma nova maneira e trabalharem juntas, em vez que se combaterem e eliminar, como aconteceu de Constantino até nós. Um potencial de grandes mudanças em campo religioso global é contido nas declarações do Concílio Ecumênico Vaticano II. Vejamos algumas delas já bastante harmonizadas com a cultura religiosa (média) dos países cristãos. Em *Nostra aetate*,

documento que trata dos valores contidos nas religiões não cristãs e, então, da boa relação que deve existir entre a Igreja e tais religiões todas destinadas a conviver: *“Nesta época em que o gênero humano se torna cada vez mais um só e em que aumenta a interdependência entre os povos, a Igreja é levada a dar maior atenção a seu relacionamento com as outras religiões. Sua missão de promover a unidade e o amor entre as pessoas, mais ainda entre os povos, leva-a a considerar melhor o que é comum em todos e o que favorece a unidade”* (Nostra aetate 1). Em seguida, o documento informa que Deus não nega a ninguém os meios para se salvar, visto que são presentes em cada religião e visto que todos os eleitos são chamados a se reunir *“na cidade santa, iluminada pelo brilho de Deus sob cuja luz caminham todos os povos”* (Na, 1). Se Deus é luz para todos os povos, é precisamente pelas religiões que isso acontece e é para as religiões que nós cristãos devemos olhar com todo respeito e estima. Em *Dignitatis Humanae*, um documento que trata do direito universal a escolher e praticar a religião que se quer e que, quase automaticamente, confirma que os conteúdos das religiões tem a ver com Deus e são habilitados a guiar corretamente uma conduta que possa merecer a salvação: *“O Concílio declara que a pessoa tem direito à liberdade religiosa. Tal liberdade consiste em que nenhum ser humano deve estar sujeito à coerção de outros indivíduos, nem da sociedade e de qualquer poder humano.....(O Concílio) declara igualmente que o direito à liberdade religiosa se baseia na dignidade da pessoa, reconhecida pela razão e manifestada pela palavra de Deus revelada”* (*Dignitatis humanae* 2). Enfim uma passagem de João Paulo II que falando aos japoneses, na sua visita ao país do extremo oriente, confirma a tese de que as religiões não cristãs procedem do alto, do Espírito Santo, e não podem não gozar da graça que salva: *“Encontro na virtude da amizade e da bondade, da delicadeza e da coragem que são recomendadas pelas vossas tradições religiosas, os frutos daquele Espírito divino que, conforme a nossa fé, é o amigo dos homens, enche a terra e tudo sustenta”* (citado por W. Buhlmann em *A reviravolta planetária de Deus*, Paulinas, 1995,

p. 107). Por sua vez, o cardeal Joseph Ratzinger, num documento por ele redigido em nome da Congregação para a Doutrina da Fé, em 1990, assim escreve: *“Os crentes das religiões já são parte do Reino de Deus e encontram-se justamente com os cristãos como **co-peregrinos** no caminho em direção à plenitude da vida”* (Dialogo e Anuncio, 1990).

- **19. O BRASIL E A NOVAMISSÃO.** Como já temos percebido, a nova missão teria antes de tudo um horizonte decididamente novo, **o Reino de Deus sobre a terra**, um ideal que caracteriza a missionariedade latino americana em virtude da teologia da libertação e das comunidades eclesiais de base. Um ideal que poderia cooptar todos os cristãos do Brasil, católicos e evangélicos, e sobretudo todas as categorias de cristãos brasileiros e não somente padres, pastores e religiosas. A congregação xaveriana parte de si mesma, do seu carisma, da sua tradição e das suas possibilidades numéricas quando se decide a programar, mas é esta a melhor disposição a escolher? Porque não parte também da realidade em que se encontra? No caso do Brasil, o dialogo inter-religioso poderia gerar aberturas inesperadas, redundando, em seguida, a benefício do mundo inteiro, se não da própria congregação. Mas não falamos ainda das condições que seriam exigidas para um diálogo inter-religioso correto e capaz de produzir frutos. A primeira de tais condições consistiria em querer e praticar uma absoluta paridade entre as religiões que dialogam. Pois todo mundo sabe que, por tradição e por precedência considerada evidente e exigida por Deus, o cristianismo costuma pensar de ter o direito e o dever de se colocar acima das diferentes religiões, criando aquele estado de coisas que nem permitiria de partir para um novo êxodo, para uma libertação da inteira humanidade. E bem, para nós resulta imediatamente insubstituível um dialogo *inter* parese de estrutura democrática, pois aqueles que serão irmãos pela vida eterna não podem não ser tais desde agora. Em segundo lugar, o diálogo não será nunca mais invocado para convencer alguém a passar de uma religião para outra, embora tal passagem deva ser permitida e ficar desejável. O diálogo deverá servir para as religiões se conhecerem e se

enriquecerem com troca recíproca de valores e, sobretudo, com acordos sobre como agir em conjunto e influenciar corretamente os poderes públicos e cada cidadão em vista de um mundo cada vez mais justo e mais fraterno. Enfim, gostaria terminar com uma observação que deveria inquietar tanto os brasileiros quanto os missionários vindos de fora como os xaverianos. Na hora em que o mundo inteiro vive uma devorante tensão para a justiça e a fraternidade e uma inevitável necessidade de se encontrar e conviver entre línguas, culturas, religiões e profissões, num país como o Brasil que desde 150 anos é o ponto de chegada de numerosos povos diferentes, não se conhecem tentativas de diálogo entre religiões e culturas em vista de conseguirmos uma nação mais justa em relação aos direitos humanos fundamentais como a posse da terra, a instrução, o trabalho e a saúde. Se praticam no país uma centena de religiões, sendo a maioria delas de natureza cristã, mas não se conhecem reais formas de ecumenismo a não ser no papel. Preciso melhor: no Brasil houve e há uma tradição de excelente acolhida e convivência com os vindos de fora a milhões, mas não há uma confraternização mundial *in ato segundo*, ou seja uma fraternidade universal esperada, programada e aproveitada no sentido melhor da palavra. Todo mundo foi bem aceito, todo mundo achou terra e trabalho, todo mundo achou cidadania e condições para progredir, mas o Brasil não é ainda um país de fraternidade universal sonhada e realizada em forma consciente e refletida. E não seria este um trabalho apropriado e específico para missionários? O diálogo inter-religioso é recomendado pela Igreja e pela congregação xaveriana: portanto, não seria esta uma potencialidade a ser acolhida de braços abertos? Os xaverianos brasileiros e outros vindos de fora não estariam vivendo de olhos fechados?

Belém, 03.04.2014.

pe. **Savino Mombelli.**